

Sufrimento e espetacularização: análises comparativas entre o filme “Jogos Vorazes” e o jornalismo policial paraense¹

Karinne Homci da Costa Oliveira²
Viviane Tamyres Souza Damasceno³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O presente trabalho visa analisar os rituais de sofrimento presentes em um jornal local por meio de uma análise comparativa com a produção cinematográfica “Jogos Vorazes”. O artigo procura mostrar a desumanização do jornalismo e a espetacularização do sofrimento humano como forma de entretenimento na rede de comunicação televisiva, partindo, como base principal, das ideias de Silvia Guimarães e das pesquisadoras Alda Costa e Célia Amorim. Buscamos compreender a construção do jornalismo apelativo e a falta de ética jornalística na produção de telejornais.

PALAVRAS-CHAVE: narrativa; comunicação; audiovisual; espetacularização; telejornalismo.

Introdução

A expressão espetáculo quase sempre remete ao nosso imaginário a palco, luzes, aplausos e arte, entre outros elementos que compõem o cenário artístico. Mas, e se esse espetáculo desvia o pensamento para assassinatos, violência e morte, e passa a ser o vetor de consumo de grande parte da população? Esta é a proposta do presente artigo que objetiva analisar os rituais de sofrimento na mídia, partindo da comparação entre as produções cinematográficas que abordam o trágico humano e o jornalismo que trata sobre a violência. Como hipótese afirmamos, guardadas os devidos gêneros, que cinema e narrativas televisivas de violência constroem uma normalização na comercialização do sofrimento. Ou seja, as duas mídias apelam à dor e a desumanização das pessoas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Audiovisual, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPA, email: karinnehomci@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPA, email: vivianetamyres@gmail.com

Partimos de Costa (2020), e sua interpretação de McLuhan, na compreensão dos sentidos construídos pela mídia, quando afirma que:

[...] o meio é que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo que a mensagem carrega são as mudanças comportamentais e sociais que provocam nos indivíduos. Dentre os diferentes sentidos que o meio possibilita, está o que ele propõe à mente em termos de transformações de comportamento e de percepções. O meio não seria apenas um canal de transmissão do conteúdo, mas produziria elementos determinantes da comunicação e, por consequência, dos fenômenos sociais e da afetação (Costa, 2020, p. 13).

Nessa perspectiva, passamos a refletir sobre as narrativas dos filmes e as narrativas dos programas televisivos que abordam a violência, a morte (não qualquer morte, mas a que se dão em forma de homicídios/assassinatos) e o sofrimento. Consideramos para o debate a questão dos rituais de sofrimento (Guimarães, 2013), tendo como análise a construção de tais narrativas produzidas pelo cinema e pela televisão, e a normalização na comercialização do sofrimento. Ou seja, as duas mídias apelam à dor e a desumanização das pessoas.

Por ritual entendemos eventos que são realizados com a finalidade de uma certa processualidade ou intencionalidade para compreensão ou não de uma temática social. No caso aqui, estamos trabalhando num contexto negativo do sentido de ritual, uma vez que argumentamos que determinadas narrativas, do cinema e da televisão, trabalham com a finalidade de fetichização do sofrimento e da dor, banalizando e espetacularizando situações que envolvem ou afetam as pessoas nesses sentimentos. O sofrimento humano é tratado de forma superficial, sem contextualizar a relevância de compreensão dos fatos sociais e o envolvimento das pessoas neles. Segundo Costa (2020, p. 15),

A violência ganha uma explicação simplista e um desfecho quase justificado para as mais distintas situações e tensões sociais, que

vão do roubo aos confrontos de facções e à morte dos indivíduos. O problema ganha, nos espaços impressos, televisivos ou nas mídias sociais, tratamento de espetáculo midiático, com manifestações agressivas de prazer e vingança. Se, por um lado, há uma pluralidade de sentidos de violência, quando se objetiva determinar a origem ou debater o problema; por outro, ou, ao mesmo tempo, há uma homogeneização no uso do termo na atualidade, com a mídia recorrendo a expressões que se valem de estigmas, estereótipos e associações diretas à pobreza, assim como à inserção de solução a partir de um estado policialesco, negando quase sempre uma relação ética no tratamento do problema.

Primeiro, partimos da análise narrativa do filme “Jogos Vorazes” lançado em 2013 no Brasil. É o primeiro filme de quatro produções que contam a história de Katniss Everdeen e Peeta Mellark quando são convocados a participarem dos Jogos Vorazes, uma punição aos distritos por sua rebelião no passado, onde 24 pessoas precisam lutar uns contra os outros para que haja somente um sobrevivente no final dos jogos. Esses jogos são um programa de televisão apresentado pelo personagem Caesar Flickerman que é transmitido para todos os distritos. Os Jogos funcionam como um show. Na obra, somos apresentados a um espetáculo à custa daqueles que estão lutando pela vida ou sobrevivência. As quatro histórias são adaptações dos livros de Suzanne Collins.

Segundo, selecionamos a edição do programa “Balanço Geral” da TV Record com a finalidade de analisar as aproximações e distanciamentos dos rituais de sofrimento construídos nas narrativas dessas duas mídias na relação entre violência e mundo social. Segundo Guimarães, ao comparar os reality shows aos rituais de sofrimento vai afirmar que,

A humanidade que se apresenta por trás da máscara criminosa, essa contraprova da hipótese férrea dos realities, alivia os demônios e depõe contra a própria humanidade. Pois essa crueldade não é necessariamente prazerosa, não resulta da ira e não é um estado

permanente – após o expediente, os então ex-gladiadores estão livres para se exibirem nas revistas como amigos, “era só o jogo”, dizem. (Guimarães, 2011, p.14)

É só um jogo. É só um programa de TV. É só um jornal. “It’s a television show!” (É um show de televisão) como diz o personagem Haymitch do filme analisado, responsável por aconselhar Katniss e Peeta durante sua preparação para os jogos.

Na análise comparativa, recorreremos à análise de conteúdo que objetiva, entre outras definições, “a análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (Bardin, 2016, P.48). Já Sampaio e Lycarião (2021, p. 6), afirmam que enquanto método científico a análise de conteúdo objetiva [...] criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos”. Para a análise selecionamos algumas matérias, aleatórias, do programa Balanço Geral, que espetacularizam a desgraça e miséria humanas.

Mesmo considerando que existe uma vasta literatura que aborda a questão da espetacularização e a banalização dos fatos sociais que envolvem a violência, a presente escrita vem se somar a mais uma pesquisa sobre o tratamento dispensado pelas mídias ao sofrimento.

Métodos

Para análise, conforme explicitamos acima, recorreremos à análise de conteúdo com a finalidade de categorizar quanti e qualitativamente a construção do ritual de sofrimento, tanto no filme Jogos Vorazes como nas narrativas telejornalísticas de programas que abordam a violência no estado do Pará. Do mesmo modo, recorreremos às pesquisas de Silvia Guimarães e sua obra “Rituais de Sofrimento” e “O Medo e a Mensagem” das pesquisadoras Alda Costa e Célia Amorim, sendo essas duas obras as bases principais para a construção da pesquisa.

Resultados e Discussões

Com a análise comparativa do filme e das narrativas jornalísticas, pretende-se compreender os sentidos produzidos sobre o sofrimento humano e a dor, assim como essas construções acabam por ser afastar de um jornalismo ético, uma vez que este tem a intencionalidade de apelar à audiência, não de forma crítica, mas visando atingir um maior número de pessoas com suas histórias. Essas narrativas, de uma maneira geral, apelam à dessensibilização humana (Costa, 2020) e a espetacularização do sofrimento como entretenimento.

Para narrativas fílmicas pensamos até que ponto essas histórias relacionam realidade e comportamento humano. E para o jornalismo qual deve ser o limite para informar tragédias humanas? O que deve aparecer na tela? Como a ética e o respeito devem guiar o jornalista na produção da notícia?

O presente trabalho soma a outras produções que analisam e questionam o papel do jornalismo enquanto construtor de conhecimento e a normalização do sensacionalismo nas produções jornalísticas.

Considerações Finais

Dessa forma, entendemos que o jornalismo possui influências na construção de ideias e na normalização delas. Desse modo, aquilo que é apresentado na tela e divulgado deve ser analisado e trabalhado para cumprir seu propósito de informar.

O fazer jornalístico é tecido por diversas estruturas de linguagem e imagem trabalhando conjuntamente para que a notícia seja clara e ética. A escolha de ângulos, personagens e imagens devem seguir uma linha ética indispensável para um jornalismo comprometido.

REFERÊNCIAS:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2016.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: Para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

COSTA, Alda Cristina; AMORIM, Célia Trindade Chagas; OLIVEIRA, Ivana Guimarães. **O Medo é a Mensagem** [livro eletrônico]: narrativas midiáticas na Amazônia Paraense. – 1. ed. – Belém: Ed. C2N, 2020. PDF.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornalismo e direitos humanos**: Apontamentos sobre o comportamento da Imprensa diante de conflitos sociais. Santa Catarina, 2019-2022.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**. In: STEINBERG, Charles (Org.). Meios de comunicação de massa. São Paulo: Cultrix, 1976.

RODRIGUES, Silvia Vianna. **Rituais de sofrimento**. São Paulo, Boitempo, 2013.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. -- Brasília: Enap, 2021.